

Dívida brasileira vale agora apenas 46 centavos por dólar

Externa JORNAL DE BRASÍLIA

Nova Iorque — A dívida externa do Brasil vale agora 46 a 48 centavos por dólar, e não mais os 62 a 65 que valiam há três meses, disse Martin Schubert, presidente da European Interamerican Finance Corp., uma das primeiras empresas a realizar conversão de dívida em capital, desde 1983.

Nesses três meses de queda, o Citicorp liderou um grupo de bancos na acumulação de reservas para a proteção de seus empréstimos às nações menos desenvolvidas. A desvalorização dessas carteiras eliminou boa parte das reservas, disse o presidente do Citicorp, John Reed.

Mas a medida dos bancos foi um tiro pela culatra, criando condições caóticas para o mercado da dívida externa do Terceiro Mundo, disse Martin Schubert. Em maio, o Citicorp anunciou que aumentaria suas reservas, ante possíveis prejuízos, em 3 bilhões de dólares.

Os prejuízos

Outros bancos não tiveram outra alternativa senão acompanhar a medida: os 50 maiores dos Estados Unidos reservaram um total de 15 bilhões de dólares para esse fim. Só o Citicorp assumiu um prejuízo de 2 bilhões 500 milhões de dólares no segundo trimestre de 1987.

Antes do anúncio de John Reed, a maioria das transações no mercado secundário consistia de conversões da dívida em capital com o

propósito de acerto de carteiras e de vendas não efetivadas, disse Martin Schubert. "Desde então — acrescentou, as vendas são todas efetivadas". E o valor real da dívida real dos países pobres, segundo ele, até então disfarçado, ficou em evidência.

Os valores das dívidas dos países subdesenvolvidos variam segundo quem as vende. Schubert estima que a do Brasil, caiu agora para 46 a 48 centavos por dólar, desvalorizando de 15 a 20 centavos por dólar após a suspensão dos pagamentos dos juros.

Outras dívidas

A dívida do México caiu de 57/58 centavos de dólar para 49/50; a da Venezuela de 72/74 para 60/65; a da Argentina de 58/60 para 45/46, a do Chile de 67/70 para 60/63; a do Equador de 52/55 para 37/40, a do Peru de 14/18 para 8/10 centavos de dólar.

Schubert disse que a queda no valor da dívida reduz na mesma proporção o significado dos totais das previsões dos prejuízos, já que os bancos devem computar como prejuízo a porção da dívida que corresponde ao desconto quando a vendem ou convertem.

O plano de Reed é que a Citicorp converta parte de seus créditos em capital, uma opção também adotada por outros bancos.

O Bankers Trust Co. foi um dos primeiros bancos que, com grande

agressividade, se lançou ao mercado da conversão e, segundo a maioria das notícias, teve bons resultados, trocando 50 milhões de dólares da dívida externa chilena por uma companhia de seguros e administração de um fundo de pensões, e um montante não revelado por um banco de investimentos no Brasil.

Desde que foram divulgados os regulamentos do Federal Reserve, o Bankers Trust começou as gestões para a troca por um hotel e um centro turístico no México, disse um porta voz.

A opção da conversão da dívida por capital é limitada, reconheceu Reed, devido à escassez de investimentos viáveis nos países endividados em relação ao montante da dívida, uns 400 bilhões de dólares apenas na América Latina.

O Chile foi o país que mais êxito teve na privatização e venda de títulos, convertendo quase 10 por cento de sua dívida externa. O México converteu 1 bilhão de dólares e tem outro 1 bilhão em negociações.

Mas muitos países, entre eles o México, começam a ter reservas sobre este mecanismo, que permite que estrangeiros tenham interesses em seus países adquiridos pelos preços baratos que o endividamento permite. O México considera a possibilidade de exigir uma percentagem mais alta do desconto da dívida.